

CUIDADOS ALTERNATIVOS EM CRIANÇAS E SEUS EFEITOS NO DESENVOLVIMENTO SÓCIO-EMOCIONAL

Isolda de Araújo Günther*

RESUMO

Este artigo constitui uma revisão de alguns estudos relacionados aos efeitos de cuidados fora da família biológica, no desenvolvimento sócio-emocional de crianças pequenas. São focalizados estudos que consideram (a) o comportamento de apego e (b) o desenvolvimento sócio-emocional de crianças cuidadas em casa ou fora de casa. Além disso, chama-se atenção para alguns aspectos que poderão orientar pesquisas futuras na compreensão dos efeitos da escola maternal em crianças brasileiras.

O modelo tradicional de família confere ao homem o papel social de provedor da prole através de atividades desenvolvidas fora do lar. À mulher é facultada a dedicação em tempo integral ao papel de mãe e às tarefas domésticas. Este modelo, como sabemos, de há muito já não reflete a realidade de nossas famílias. A partir da década de 70, o papel da mulher/mãe parece ter sofrido uma das mudanças sociais mais visíveis. Tais mudanças são decorrentes da crescente participação da mulher em atividades fora de casa, das transformações na estrutura da família decorrentes da diminuição do número de gerações vivendo conjuntamente, do aumento do número de mães solteiras, que assumem a educação dos filhos e, conseqüentemente, de famílias nucleares constituídas por criança(s) e apenas um membro adulto (Belsky

(*) Profª do Departamento de Psicologia Universidade Federal da Paraíba.

e Steinberg, 1978; Etaugh, 1980; Falender e Mahrabian, 1970). Esse conjunto de fatores concorre para que seja típico na geração atual uma criança com menos de seis anos ter mãe e pai trabalhando fora do ambiente doméstico. Cresce, assim, a demanda por ambientes alternativos que possam atender as crianças abaixo de seis anos, enquanto sua mãe/pai trabalham. Infere-se, portanto, que a criança tem sido tratada de maneira nova, não em decorrência de uma decisão deliberada, mas de uma necessidade. Qual o efeito dessa necessidade e direito da mãe no desenvolvimento da criança?

Este artigo tem por objetivo apresentar a literatura que trata de crianças que são cuidadas durante todo o dia fora da família biológica e dos efeitos de tais cuidados no desenvolvimento sócio-emocional. Com este propósito duas áreas da literatura serão examinadas: (a) o comportamento de apego, e (b) o desenvolvimento sócio-emocional de crianças que foram cuidadas em casa por suas mães, ou que foram atendidas em ambientes de escola maternal.

COMPORTAMENTO DE APEGO

Examinaremos a seguir estudos cuja questão básica é a seguinte: O que ocorre com a relação criança X mãe, quando a criança é cuidada fora da família biológica? A teoria etológica do apego de Bowlby (1984a) sugere que crianças pequenas procuram a proximidade, o contato físico com indivíduos específicos, geralmente com a pessoa que lhes dispensa cuidados maternos. Observa-se que as crianças normalmente tentam atrair a atenção e aprovação desses indivíduos e que resistem à separação (Maccoby e Masters, 1970). Comportamento de apego é definido como a tendência para buscar a proximidade de certos membros da espécie (Schaffer, 1971) e na espécie humana caracteriza-se por uma ligação sócio-emocional recíproca entre criança e responsável.

A separação prolongada entre crianças e especialmente sua mãe durante os primeiros anos de vida é considerada prejudicial para o desenvolvimento intelectual,

social e emocional da criança. Deve-se, entretanto, alertar para o fato de que os achados obtidos a partir de observações de situações nas quais os pais biológicos não tiveram nenhum envolvimento com o bem-estar dos filhos, como por exemplo de crianças e adolescentes adotadas (Goldfarb, 1943, 1945), órfãos (Spitz, 1945), órfãos de guerra (Langmeier e Matejcek, 1975), foram generalizados para situações em que os pais continuam sendo figuras presentes e importantes para o desenvolvimento da criança. A vasta literatura sobre os efeitos de cuidados impessoais no desenvolvimento da criança (Yarrow, 1961), como Schaffer destacou, "de forma alguma inequívoco nas suas conclusões" (1971, p. 154), levou alguns psicólogos a crerem que o comportamento materno correto significa permanecer em casa com seus filhos, especialmente durante os três primeiros anos de vida (Ribble, 1965; Russo, 1976; Spock, 1946). Este ponto de vista, contudo, não foi apoiado por pesquisadores que diferenciaram entre: (1) crianças que foram cuidadas permanentemente por substitutos; e (2) crianças que moravam com os pais biológicos e eram cuidadas por figuras substitutas, enquanto os pais trabalhavam (Maccoby, 1958). O conceito de que o trabalho materno provoca grandes efeitos na criança, todos eles negativos (Hoffman, 1974; Siegel e Hass, 1963), parece ter sido substituído pela noção atual de que tais resultados dependem de certas condições chamadas mediadoras, apontadas por Etaugh (1980) e que são (a) idade e sexo da criança, (b) condições sócio-econômicas, (c) origem étnica e racial, (d) integridade familiar, (e) atitudes da mãe que trabalha, (f) atitudes do pai, (g) características do emprego da mãe, e (h) os tipos de cuidados que estão sendo utilizados.

Uma revisão bibliográfica feita em 1973 por Bowlby (1984b) parece ter contribuído para o fortalecimento da noção da importância dos três primeiros anos de vida no desenvolvimento de laços seletivos e de apego. Qualquer separação da mãe nesses anos iniciais, argumentou-se, pode prejudicar o processo de vinculação à mãe ou pode resultar num apego inseguro e inefetivo. Embora se reconheça que a criança, especialmente nos primeiros anos de vida, desenvolve um apego para com sua mãe assim como para com seu pai (McGreal, 1981), os estudos realizados até a metade da década de 70 enfatizaram por demais a figura materna. Pode-se mesmo

afirmar que a figura do pai foi omitida. Esqueceu-se de declarar, como o fez Lamb em 1975, que a família é algo mais que a díade mãe X criança. Em 1978, Clarke-Stewart, numa tentativa bem sucedida de chamar atenção para o impacto do pai, tanto nas mães quanto nas crianças pequenas, iniciou o título de um artigo com a afirmação: "E com painho somos três". Embora tal omissão à figura paterna não tenha permanecido em estudos dos anos 80, serão examinados aqui estudos que se referem à integração mãe X criança. Em sua maioria tais estudos objetivaram verificar se as crianças que são cuidadas por indivíduos sem laços de parentesco e fora dos seus lares estabelecem apego primário com a mãe substituta, ou com os pais biológicos, e se esse apego poderia ser rotulado como ansioso ou inseguro. Para esses estudos, foram utilizados variantes do Instrumento de Comportamento ante Situações Estranhas, um procedimento experimental desenvolvido por Ainsworth e Whiting (1969) na tentativa de examinar diferenças individuais no comportamento de apego das crianças em relação a suas mães. As crianças são classificadas de acordo com oito episódios, dependendo da maneira como reagem quando se separam e reencontram suas mães, bem como de suas reações ao estranho no que concerne ao seu comportamento frente a suas mães. Embora se possa afirmar que tal instrumento seja um artefato, o argumento da sua utilização foi o de que as respostas de aproximação — fuga produzidas pelas crianças em relação à mãe e ao estranho, assim como a exploração do ambiente, refletiriam a qualidade da interação mãe X criança. A seguir, relataremos alguns desses achados.

INTERAÇÃO MÃE X CRIANÇA

Os estudos a seguir se dedicaram ao exame do comportamento de apego em crianças que foram cuidadas por seus pais biológicos e crianças que receberam cuidados de mães substitutas antes de completarem dois anos de idade: Brookhart e Hock, 1976; Caldwell et al., 1970; Cummings, 1980; Doyle, 1975; Farran e Ramey, 1977; Kagan et al., 1978; Kearsley et al., 1975; Maccoby e Feldman, 1972; Ragozin, 1980; Ricciuti, 1974; Rubenstein e Howes, 1979. Os achados de todos esses estudos indicam padrões semelhantes de comportamento de apego nos grupos de crianças observados, i. e., não houve nenhuma diferença entre os dois grupos.

Blehar (1974) estudou 40 crianças de famílias da classe média com idades entre dois e quatro anos, 20 das quais foram cuidadas pelas figuras substitutas durante aproximadamente cinco meses e outras 20 que tinham sido cuidadas em casa. Esse autor relatou que crianças cuidadas em escolas maternais choravam mais, demonstravam maior comportamento oral, evitavam mais o estranho na investigação experimental da situação da pessoa estranha e apresentavam mais comportamento de esquiva e resistência ao serem reunidos com a mãe. Várias limitações metodológicas foram apontados neste estudo (Belsky e Steinberg, 1978; Etaugh, 1980; Kagan et al., 1978; Rutter, 1981): Os resultados do estudo de Blehar podem ser atribuídos a fatores como: (a) características das situações das escolas maternais que foram estudadas, (b) história familiar, (c) características das crianças, (d) relacionamento mãe X criança anterior ao estudo. Quatro estudos tentaram replicar a pesquisa de Blehar: Cornelius e Denney, 1975; Moskowitz et al., 1977; Portnoy e Simmons, 1978; Roopnarine e Lamb, 1978. Nesses quatro estudos, pouca ou nenhuma diferença foi encontrada entre crianças que estiveram ou não sob o cuidado de figuras substitutas. Por outro lado, o único estudo longitudinal que tratou deste assunto confirmou os achados dos quatro estudos acima referidos. A partir do que foi demonstrado nestes estudos, pode-se concluir que cuidados fora da família biológica parecem não prejudicar o relacionamento da criança com sua mãe. No entanto, deve-se ter uma certa cautela nesta conclusão e atentar para o seguinte aspecto:

A única advertência séria em relação à conclusão de que crianças de pré-escola (crianças com até 4 anos) geralmente desenvolvem laços primários com seus pais ao invés de com o pessoal que as atende é a de que a maior parte da pesquisa tem sido conduzida com famílias estáveis e economicamente privilegiadas, em locais que certamente são de qualidade bem acima da média. (Rutter, 1981, p.6).

A propriedade de tais observações prende-se à necessidade de adotar uma atitude de prudência quanto à interpretação e generalização de tais resultados a situações em que a família experimenta dificuldades ou em que a escola não é

prioritariamente um ambiente educacional, mas um abrigo cuja função parece ser a de guardar as crianças lá depositadas.

COMPORTAMENTO SOCIAL DA CRIANÇA

A questão que consideraremos a seguir diz respeito ao desenvolvimento social e pode ser formulada nestes termos: "O que ocorre com o desenvolvimento social da criança que é cuidada fora da família biológica?" Para responder à questão enfatizaremos estudos que tratam das interações infantis levando em conta três categorias: (a) interação com adultos; (b) interação com companheiros; e (c) desenvolvimento social e medidas estandardizadas.

INTERAÇÃO COM ADULTOS

Finkelstein e Wilson (apud Etaugh, 1980) compararam os padrões de interação adultos X crianças, quando estas últimas eram cuidadas dentro ou fora da família biológica. Em suas observações concluíram que as primeiras — cuidadas dentro da família biológica — quando se defrontam com um ambiente desconhecido, interagem mais com seus pais, enquanto que as outras — cuidadas fora da família biológica — interagem mais com um adulto não-familiar. Cochran (1977) descobriu que crianças que permaneciam em casa demonstram uma maior verbalização face a face com seus pais em relação às crianças cuidadas em escola maternal. Wright (1975), por outro lado, relatou que não houve diferenças nas interações com adultos entre grupos com ou sem experiência de escola maternal. Rubenstein e Howes (1979) observaram o número de interações iniciadas por adultos ou por crianças criados em casa ou não e relataram que não houve diferenças. Raph et al. (1968) compararam alunos do primeiro grau que tiveram ou não uma ampla experiência em escola maternal e jardim de infância. Os autores concluíram que as interações sociais aumentaram com a idade independentemente das experiências anteriores. Contudo, interações negativas com professores foram mais freqüentes em alunos com idade entre três e cinco anos, e aparentemente esta tendência era maior em crianças com uma maior experiência de escola maternal.

INTERAÇÃO COM COMPANHEIROS

De acordo com Etaugh (1980), a interação com companheiros parece estar relacionada com a idade na qual a criança começa a freqüentar a escola maternal. Macrae e Jackson (1976) e Moore (1975) observaram que crianças que iniciaram suas experiências antes da idade de dois anos demonstraram maiores níveis de atividade em relação às crianças que não a freqüentaram. Os achados dos estudos conduzidos por Largman (1976), Schwarz et al. (1974), e Macrae e Jackson (1976) indicam que, quando a criança começa a freqüentar uma escola maternal muito cedo — cedo significando antes dos dois anos — , torna-se mais provável a interação da criança com seus companheiros, quer seja de forma positiva, quer seja de forma negativa, quando comparadas com crianças que iniciaram essa experiência mais tarde. Vandell (1979) observou doze meninos com 16 meses de idade, seis dos quais participaram não propriamente de uma escola maternal, mas de um grupo de jogos e outros seis cuidados em casa. Foram feitas medidas antes do início do grupo de jogos, aos três e seis meses. Os dados sugeriram que as crianças no grupo de jogos demonstravam um aumento em atos sociais de busca de proximidade e objeto relacionados com atos sociais, tais como mostrando ou oferecendo objetos, e uma redução de uma tendência medida no início do grupo de jogos e que diminuiu progressivamente, de limitar a interação mãe X criança. Vendell observou que ele não tem certeza absoluta se esses dados são um reflexo de um aumento da insegurança ou uma elevação das habilidades sociais. Estas observações nos lembram os comentários de Hartup de que "a omissão mais séria na literatura do desenvolvimento social é a ausência de informações relacionadas com a interdependência existente entre experiências em um mundo social e experiências em outro" (1979, p. 944). De fato temos poucas informações sobre os vários contextos nos quais as crianças se desenvolvem, bem como dos processos através dos quais esses contextos afetam o desenvolvimento humano.

Um estudo cujos resultados indicam a importância desta interdependência foi conduzido já em 1975 por Cornelius e Denney. Os autores sugerem que crianças entre 12 a 18 meses de idade, pertencentes à classe média e que freqüentam escola

maternal de boa qualidade, na presença das suas mães, são mais aptas a interagir com e a olhar para seus companheiros, do que crianças do mesmo background sócio-cultural cuidadas em casa. Moore (1975) verificou que adolescentes do sexo masculino que freqüentaram escola maternal antes dos 5 anos de idade demonstravam uma preocupação maior com atividades sociais do que adolescentes que, quando criança, haviam sido cuidados em casa. Além disso, os adolescentes que freqüentaram escola maternal apresentavam índices mais elevados de sociabilidade com os companheiros e eram mais freqüentemente escolhidos pelos mesmos como simpáticos. Baseado no seu próprio estudo, bem como em outros, Schwarz et al. (1974) concluíram que "a experiência precoce em pré-escolas (escolas que atendem crianças até 4 anos) pode não afetar desfavoravelmente os ajustamentos com os companheiros, mas pode levar à aquisição de alguns valores culturais do adulto" (p. 502). Experiências na escola — aqui usada em sentido amplo — desempenham um importante papel na organização do comportamento social. Através do processo de socialização, as atitudes, crenças, valores e comportamentos são influenciados pelos outros. Considerando que tal processo é dialético e que cada nível de desenvolvimento requer que os indivíduos que interagem no ambiente reestruem suas reações comportamentais, é interessante verificar na observação de Schwarz et al. uma valorização implícita dos contatos ao nível dos companheiros e um quase desagrado quanto à aquisição dos valores adultos. Os autores não esclarecem se esta aquisição dos valores adultos ocorre em detrimento da aquisição dos valores dos companheiros ou se suas ponderações refletem seus próprios valores no que se refere ao desejo de independência das crianças frente aos adultos. Tais observações parecem sugerir uma valorização da transmissão de valores criança X criança e uma não valorização da transmissão cultural de uma geração à outra.

Rossetti-Ferreira (1986) apresenta uma pesquisa que envolve o estudo das categorias de interação criança X mãe, criança X adulto, criança X criança e, por isso mesmo, constitui um avanço na área. Referimo-nos ao projeto longitudinal sobre o desenvolvimento do comportamento social e de apego em crianças entre 15 e 39 meses. Planejou-se uma situação de grupo em ambiente familiar, com a presença de quatro pares de criança X mãe e com uma professora. Verificaram-se as

respostas a situações planejadas com o objetivo de apresentar certa similaridade com pequenos eventos de separação que ocorrem no dia a dia. Constatou-se, em linhas gerais, que, embora as reações à separação tenham seguido o padrão desenvolvimental referido por outros autores em sujeitos de outros contextos sociais e experimentais, as reações à separação, no estudo um apeço, foram menos intensas. Verificou-se, também, um aumento da interação entre criança – sujeito, outras mães e professora, durante o episódio de separação. Os adultos (outras mães e professora) iniciaram e mantiveram com a criança separada, interação verbal e mediada por objetos. Observou-se, também, durante o período de separação, um aumento do nível de interação criança X criança. Com o retorno da mãe ocorreu tanto uma inibição da interação criança separada, outras crianças e adultos, bem como da interação mediada por objetos entre criança e sua mãe. Considerando esses dados, Rossetti-Ferreira chama atenção para a importância do reencontro no estudo da relação de apego criança X mãe.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL E MEDIDAS ESTANDARDIZADAS

Alguns investigadores utilizaram medidas estandardizadas no estudo do desenvolvimento sócio-emocional de crianças cuidadas nos seus lares ou na escola maternal. Entre esses, Fowler (1972) utilizou o Registro do Comportamento Infantil de Bailey e o Inventário de Comportamento Infantil de Schaefer e Aronson em 45 pré-escolares. Keister (1970) utilizou o Registro de Capacidade Pré-Escolar, Rabin (1965) e Keister (1970) empregaram a escala de Maturidade Social de Vineland, enquanto Rabin (1965) também fez uso de técnicas projetivas. De acordo com o que esses estudos indicaram, não foram encontradas diferenças significativas com relação ao ajustamento sócio-emocional dos dois grupos de crianças.

Podemos concluir que, de acordo com os estudos aqui apresentados, a experiência em escola maternal parece não causar dano às crianças que dela participam. Devemos, entretanto, considerar tais estudos com cuidado uma vez que os ambientes descritos nestas pesquisas não são representativos de nossas escolas maternais em geral, especialmente as que atendem às crianças brasileiras de famílias pobres. Rossetti-Ferreira

(1984) chama atenção para esse aspecto, quando comenta sobre a pobreza, a coloração triste e homogênea, a falta de estimulação sensorial e social dos ambientes institucionais referidos em pesquisas da década de 50 e início de 60. A autora salienta a semelhança desse ambiente com o que tem encontrado em creches da região de Ribeirão Preto destinadas a crianças de classe social com baixo poder aquisitivo. Aspectos ligados à qualificação e treinamento das pajens, ao total de crianças sob a responsabilidade de um adulto, à própria natureza das experiências diárias das crianças, aos cuidados com aspectos nutricionais e de prevenção de doenças demonstram tais diferenças. Por outro lado, no que se refere especificamente às características das famílias, não há nenhuma garantia de que famílias que utilizam escolas maternas sejam semelhantes às que não as utilizam, o que põe em dúvida as comparações entre esses dois grupos. Finalmente deve-se atentar para a continuidade dos responsáveis pelas crianças, bem como dos cuidados oferecidos e dos efeitos a longo prazo dos cuidados de escola maternal, lembrando, mais uma vez, que com exceção dos estudos de Moore (1975) não parece haver nenhum outro estudo longitudinal que acompanhe a criança além dos anos pré-escolares.

Levando em conta tais precauções, parece-nos justo concluir que experiências em escola maternal não prejudicam o relacionamento emocional da criança com a mãe, assim como não há evidência de que crianças demonstram uma preferência pelas substitutos em detrimento das mães. No tocante ao desenvolvimento social, os achados podem provocar polêmica. De um lado há inúmeros estudos indicando que crianças que participam de escola maternal apresentam comportamento cooperativo, confiança nas interações sociais, orientação para a tarefa (Howes e Olenick, 1986; Clarke-Stewart, 1984). Alguns achados sugerem, entretanto, que, com um tempo mais prolongado de permanência em escolas maternas, observa-se um aumento de afeto negativo dirigido aos adultos, diminuição da cooperação e do envolvimento em atividades educacionais ou comportamentos que são rotulados por autores diferentes como agressivos, assertivos ou negativos (Schwarz, Strickland e Krolick, 1973; Rutter, 1981). No que concerne especificamente à comparação de concepções morais e regras sociais em crianças

de até cinco anos e meio que participaram no mínimo durante dezoito meses de escola maternal e crianças recém — ingressas, Siegel e Storey (1985) interpretando os resultados de dois estudos no sentido de que crianças com maior experiência em escola maternal parecem ser mais independentes em concordar com diretivas dos adultos do que crianças com menor experiência em escola maternal. Em cada estudioso de creche e escola maternal parece haver uma mescla de pesquisador e defensor de tais experiências face às vantagens e necessidade social de uma instituição que parece ter vindo para ficar. Convém atentar, entretanto, para que uma atitude emocional e ideológica em defesa das creches e escolas maternas não abafe o fato de que "há alguma congruência nos aproximadamente dez estudos empíricos que produziram resultados relacionados com efeitos de escola maternal e comportamento agressivo" (Haskins, 1985, p. 689). Os dados referidos acima são verificados em sujeitos com idades entre dois a quinze anos, variando também a extensão e o tipo de escola maternal, a situação sócio-econômica e tamanho da amostra, bem como as culturas (EUA, Bermuda, Suécia, Inglaterra e Austrália), em que tais observações foram realizadas.

Em suma, e parafraseando Macrae e Jackson (1976), que indagaram se 'efeitos dos programas de pré-escola no comportamento infantil são específicos', podemos responder que, embora haja antinomia quanto aos resultados de vários estudos, alguns autores harmonizaram estas discrepâncias, ortorgando tais resultados a diferenças em experiência e qualidade de escola maternal (Haskins, 1985), a aquisição dos valores sociais dos adultos (Belsky e Steinberg, 1978; Belsky, Steinberg e Walker, 1982) ou então, como fizeram Clarke-Stewart e Fein (1983) considerando que comportamentos positivos ou negativos são decorrentes de uma maior maturidade social adquirida pelas crianças que freqüentam escola maternal.

SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

No sumário acima enfatizou-se que, não obstante algum cuidado para com os resultados das pesquisas aqui apresentadas parece inequívoca a afirmação de que escola

maternal não provoca dano a criança. Tal afirmação não é, em hipótese alguma, alentadora, quando se considera o grande número de pesquisas já realizadas, o impacto pessoal sobre a mãe/pai, e a importância social do cuidado que a sociedade, como um todo, deve ter para com crianças. Todas estas limitações apontam para necessidades específicas que devem ser observadas em pesquisas futuras, tais como:

1. Os investigadores precisam atentar para a estrutura e natureza dos diferentes tipos de cuidados alternativos que são realmente utilizados. Qual a opção de cuidado escolhida ou disponível? Sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades, a família utiliza por exemplo: Escola maternal de dia todo? De meio dia? A criança é cuidada na própria casa por parentes? Por não-parente? Vai à casa de um parente? Vai à casa de um não parente?

2. Devem considerar, também, as características das famílias que utilizam diferentes tipos de cuidados fora do seu âmbito, tais como aspectos sócio-econômicos, composição da família, percepção e atitudes dos pais sobre o cuidado dispensado à criança, impacto sobre a família, casamento, trabalho, nível de coerência entre os dois ambientes.

3. Investigadores necessitam considerar, ainda, as características dos ambientes onde as crianças se encontram, o nível de formação e treinamento dos que atendem à criança, como estes percebem o cuidado que dispensam à criança, qual a relação entre cuidado dispensado na escola maternal e em casa, como é o relacionamento entre mãe/pais das crianças e as figuras substitutas. Atenção deve ser dada à idade, sexo, ordem de nascimento na família, e idade de entrada na escola.

4. Finalmente, Moore (1975), que apresentou o único estudo longitudinal nesta área que vai além dos anos pré-escolares, chama atenção para duas possibilidades quanto às diferenças encontradas com relação às crianças que participam de escola maternal: (a) tais diferenças podem desaparecer com o tempo ou (b) efeitos retardados podem emergir.

Essas observações apontam para a necessidade de mais estudos longitudinais, embora se saiba que tais estudos, além de serem dispendiosos em termos de tempo e dinheiro, apresentam problemas de perda de sujeitos de uma idade/observação a

outra, além das limitações advindas do fato de que seus resultados podem ser atribuídos a diferenças específicas nas condições sociais, na atmosfera política dos grupos, ou qualquer outro aspecto da sua história ambiental. Fazemos nossas as palavras de Bronfenbrenner, que, num artigo crítico sobre a necessidade de conhecimento sistemático dos ambientes em que as crianças vivem, afirmou: "Pesquisadores não conduziram (ainda) análises sistemáticas, baseadas em amostras representativas dos ambientes nos quais crianças e os responsáveis por seu cuidado vivem sua vida quotidiana" (1979a, p. 846). Esperemos que, no futuro próximo, investigadores forneçam informações não apenas sobre o sujeito experimental, no caso a criança, mas sobre o ambiente no qual ela vive, e sobre o desenvolvimento das outras pessoas, que também são afetadas de forma considerável pela maneira como as crianças vivem e são cuidadas.

Para responder à questão que a presente revisão coloca e, num sentido bem amplo, aumentar nosso conhecimento sobre os fatores que determinam um desenvolvimento social e emocional normal ou atípico, precisamos saber mais sobre a intrincada rede de ligações entre comportamentos (Peterson, 1987). Precisamos, entre outros aspectos, conhecer variações dos cuidados maternos e seus efeitos, bem como dos cuidados substitutos e, como têm sugerido certos autores (Goldsmith e Alansky, 1987), compreender, também, o papel desempenhado pelas características das próprias crianças.

ABSTRACT

ALTERNATIVE CHILDCARE AND ITS EFFECTS ON THE SOCIAL-EMOTIONAL DEVELOPMENT OF THE CHILD

The article presents a review of the literature dealing with non-parental care and its effect on the social-emotional development of children. Studies related to (a) attachment behavior and (b) social development of children who were and who were not cared for by individuals other than their natural

parents have been reviewed. Attention is called to some aspects which may assist in understanding the effects of day care centers on Brazilian children.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AINSWORTH, M. D. S., e WHITING, B. A. (1969) Attachment and exploratory behavior of one year olds in a strange situation. Em B. M. Foss (Ed). **Determinants of Infant Behavior**, vol. 4. London: Methuen.
- BELSKY, J., e STEINBERG, L. D. (1978). The effects of day-care: A critical review. **Child Development**, 49, 929-949.
- BELSKY, J., STEINBERG, L. D. e WALKER, A. (1982). The ecology of daycare. Em M. Lamb (Ed). **Childrearing in nontraditional families**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 71-116.
- BLEHAR, M. C. (1974). Anxious attachment and defensive reactions associated with day-care. **Child Development**, 45, 686-692.
- BOWLBY, J. (1984a). **Apego e Perda: Apego**. São Paulo: Martins Fontes. (Attachment and loss: Attachment, 1969).
- BOWLBY, J. (1984b). **Apego e Perda: Separação**. São Paulo: Martins Fontes. (Attachment and loss: Separation, 1973).
- BRONFENBRENNER, U. (1979). **Ecology of human development. Experiments by nature and design**. Cambridge, MA: Harvard U Press.
- BROOKHART, J., e HOCK, E. (1976). The effects of experimental context and experimental background on infants' behavior toward their mothers and a stranger. **Child Development**, 47, 333-340).
- CALDWELL, B. M., WRIGHT, C. M., HONIG, A. S., e TANNENBAUM, J. (1970). Infant care and attachment. **American Journal of Orthopsychiatry**, 40, 397-412.

- CLARKE-STEWART, K. A. (1978). And daddy make three: The father's impact on mother and young child. **Child Development**, **49**, 466-478.
- CLARKE-STEWART, K. A. (1984). Day care: A new context for research and development. EM M. Permuter (Ed). **The Minnesota symposia on child psychology: vol 17: Parent-child interaction and parent child relations in child development**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 61-100.
- CLARKE-STEWART, K. A., e FEIN, G. G. (1983). Early childhood programs. EM P. H. Mussen (ed). **Handbook of Child Psychology**, vol II: Infancy and Developmental Psychology. New York: Wiley, 917-999.
- COCHRAN, M. (1977). A comparison of group day and family child rearing patterns in Sweden. **Child Development**, **48**, 702-709.
- CORNELIUS, S. W., e DENNEY, N. W. (1975). Dependency in day-care and home care children. **Developmental Psychology**, **11**, 575-582.
- CUMMINGS, F. (1980). Caretaker stability and day-care. **Developmental Psychology**, **16**, 31-37.
- DOYLE, A. B. (1975). Infant development in day-care. **Developmental Psychology**, **11**, 655-656.
- ETAUGH, C. (1980). Effects of non-maternal care on children: Research evidence and popular views. **American Psychologist**, **35**, 309-319.
- FALENDER C. A. e Mehrabian, A. (1970). The effects of day-care on young children: An environmental psychology approach. **The Journal of Psychology**, **101**, 241-255.
- FARRAN, D., e RAMEY, C. (1977). Infant day-care and attachment behaviors toward mothers and teachers. **Child Development**, **48**, 1228-1239.
- FINKELSTEIN, N. W., e WILSON, K. (1979). **The influence of daycare on social behaviors toward peers and adults**. Trabalho apresentado na reunião da Society, for Research in Child Development, New Orleans, 1979 (apud Etaugh, 1980).

- FOWLER, W. (1972). A developmental learning approach to infant care in a group setting. **Merrill Palmer Quarterly**, **18**, 145-175.
- GOLDFARB, W. (1943). The effects of early institution care on adolescent personality. **Journal of Experimental Education**, **12**, 106-129.
- GOLDFARB, W. (1945). Effects of psychological deprivation in infancy and subsequent stimulation. **American Journal of Psychiatry**, **102**, 18-33.
- GOLDSMITH, H. H., e ALANSKY, J. A. (1987). Maternal and infant temperamental predictors of attachment: A meta-analytic review. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, **66**, 805-816.
- HARTUP, W. W. (1979). The social worlds of childhood. **American Psychologist**, **34**, 944-950.
- HASKINS, R. (1985). Public school aggression among children with varying daycare experience. **Child Development**, **56**, 689-703.
- HOFFMAN, L. W. (1974). Effects of maternal employment on the child: A review of the research. **Developmental Psychology**, **10**, 204-228.
- HOWES, C. e OLENICK, M. (1986). Family and child care influences on toddlers compliance. **Child Development**, **57**, 202-216.
- KAGAN, J., KEARSLEY, R. B., e ZELAZO, P. R. (1978). **Infancy, its place in human development**. Cambridge, MA: Harvard U Press.
- KEARSLEY, R. B., ZELAZO, P. R., KAGAN, J., e HARTMAN, R. (1975). Separation protest in day-care and home reared infants. **Pediatrics**, **55**, 171-175.
- KEISTER, M. E. (1970). **A demonstration project: Group care of infants and toddlers**, Final Report. Greensboro, NC: University of North Carolina.
- LAMB, M. E. (1975). Fathers: Forgotten contributors to child development. **Human Development**, **18**, 245-266.
- LANGMEIER, J., e MATEJCEK, Z. (1975). **Psychological deprivation in childhood**. New York: Wiley.

- LARGMAN, R. R. (1976). **The social-emotional effects of age of entry into full-time group care.** (unpublished doctoral dissertation). Berkeley, CA: University of California. (apud Etaugh, 1980).
- MACCOBY, E. E. (1958). **Effects upon children of their mothers' outside employment.** EM: **Work in the lives of married women.** New York: National Manpower Council.
- MACCOBY, E. E., e MASTERS, J. C. (1970). Attachment and dependency. EM P. H. Mussen (Ed). **Carmichael's Manual of Child Development**, 3rd ed., vol 2. New York: Wiley.
- MACCOBY, E. E., e FELDMAN, S. S. (1972). Mother attachment and stranger reactions in the third year of life. **Monographs of the Society for Research in Child Development**, 37, (1, serial nr 146).
- MACRAE, J. W., e JACKSON, E. H. (1976). Are behavioral effects of infant daycare program specific? **Development Psychology**, 12, 269-270).
- McGREAL, C. E. (1981). The father's role in the socialization of his infant. **Infant Mental Health Journal**, 2,, 216-225.
- MOORE, T. W. (1975). Exclusively early mothering and its alternatives: The outcomes to adolescence. **Skandinavian Journal of Psychology**, 16, 216-225.
- MOSKOWITZ, D. S., SCHWARZ, J. C., e CORSINI, D. A. (1977). Initiating day-care at three years of age: Effects of attachment. **Child Development**, 48, 1271-1276.
- PETERSON, L. (1987). Introduction to the special series (Infant attachment and psychopathology). **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, 55,, 803-804.
- PORTNOY, F. C., e Simmons, C. H. (1978). Day-care and attachment. **Child Development**, 49, 239-242.
- RABIN, A. J. (1965). **Growing up in the Kibbutz.** New York: Springer.
- RAGOZIN, A. (1980). Attachment behavior of day-care children: Naturalistic and laboratory observations. **Child Development**, 51, 409-415.
- RAPH, J. B., THOMAS, A., CHESS, S., e KORN, S. J. (1968). The influence of nurse school on social interations. **Journal of Orthopsychiatry**, 38, 144-152.

- RIBBLE, M. A. (1965). *The rights of infants*. New York: Columbia U Press.
- RICCIUTI, H. N. (1974). Fear and the development of social attachments in the first year of life. EM. M. Lewis e L. Resenblum (Eds). *The origins of human behavior: Fear*. New York: Wiley.
- ROOPNARINE, J. L., e LAMB, M. E. (1978). The effects of day-care on attachment and exploratory behavior in a strange situation. *Merrill Plamer Quaterly*, **24**, 85-95.
- ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (1984). O apego e as reações da criança à separação da mãe. *Cadernos de Pesquisa*, **48**, 3-19. ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (1986).
- ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (1986) *Mãe e Criança – Separação e reencontro: Observações em situações de grupo*. São Paulo: Edicon.
- RUBENSTEIN, J., e HOWES, C. (1979). Caregiving and infant behavior in day-care and in homes. *Developmental Psychology*, **15**, 1-24.
- RUSSO, N. F. (1976). The motherhood mandate. *Journal of Social Issues*, **32**, 143-154.
- RUTTER, M. (1981). Social-emotional consequences of day-care for pre-school children. *American Journal of Orthopsychiatry*, **51**, 4-28).
- SCHAFFER, H. R. (1971). *The growth of sociability*. London: Penguin.
- SCHWARZ, J. C., STRICKLAND, R. G., e Krolick, G. (1974). Infant day-care: Behavioral effects at preschool age. *Developmental Psychology*, **10**, 502-506.
- SIEGEL, M., e STOREY, R. McD. (1985). Daycare and children's conceptions of moral and social rules. *Child Development*, **56**, 1001-1018.
- SIEGEL, A., e HAAS, M. B. (1963). The working mother: A review of reasearch. *Child Development*, **34**, 513-542.
- SPITZ, R. A. (1945). Hospitalism: An inquiry into the genesis of psychiatric conditions in early childhood. *Psychoanalytic Study of the Child*, **1**, 53-74.

- SPOCK, B. J. (1946). **Baby and child care**. New York: Simon e Schuster.
- VANDELL, D. (1979). Effects of a playgroup experience on mother-son and father-son interactions. **Developmental Psychology**, **15**, 379-385.
- WRIGHT, M. J. (1975). Change in the social competence of Canadian preschool and day nursery children of low and high socio-economic status. **Interchange**, **6**, 16-26.
- YARROW, L. J. (1961). Maternal deprivation: Toward an empirical and conceptual re-evaluation. **Psychological Bulletin**, **58**, 459-496.